

20 de julho de 2025

Tatuí - SP

nº1

ano 4

JORNAL

# BULI

## 30º FETESP

FESTIVAL  
ESTUDANTIL  
DE TEATRO  
DO ESTADO  
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório  
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

4

**ABRIR OS CAMINHOS EM CORES**

YMOIRÁ MICALL

8

**JACINTA – HORROR E DIGNIDADE**

MARCUS GROZA

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

13

**A NATUREZA DE SE DEIXAR LEVAR**

ANA MACHADO

18

**[EXU]MAR – FOME DA PALAVRA ENCANTO**

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

23

**RESGATE, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO.**

MARIA LUIZA QUEIROZ FERREIRA

CHARGES

27

**DEM VEM PRO FETESP  
JACINTA**

GABRIEL

28

**ACHERONTIA ATROPOS**

NACÁ

28

**ENCRUZILHADA**

TADEU RENATO

29

**RUA JACINTA MARIA DE SANTANA**

KAIÃO

30

**SOBREPONDO AMÂNCIO À ENCRUZILHADA**

BORRACHA

*CRÔNICA DO DIA SEGUINTE*

31

**PARA NÃO ESQUECER SEU NOME**

LARA MIRARTE

*BASTIDOES*

33

**FOTOS POR CAMILA FONTENELE**

*EXPEDIENTE*

35





# ABRIR OS CAMINHOS EM CORES



**POR YMOIRÁ MICALL**

apreciação do Cortejo “Só vem”

**N**osso encontro acontece na Praça da Matriz, onde se concentram crianças, jovens e adultos em suas fantasias coloridas. Chegam sacudindo a cidade reis, palhaços, fadas, princesas, pernas de pau e outros seres alegóricos que com seus batuques, cantorias, cenas, cores e sorrisos largos, realizam uma grande festa na rua. Um chamado organiza a saída do com-

boio para fora da praça: crianças na frente! Os grupos de teatro carregam seus respectivos estandartes, um mais bonito que o outro. O cortejo, antes mesmo de seguir caminho, já transforma o espaço urbano em palco vivo, onde cada pessoa é artista e espectador. O bloco percussivo aquece os motores: xequerês, caixas, alfaias, agogôs, caxixis e tamborins dão o tom para um ritual de alegria, pertencimento e liberdade.

É dada a largada! O 30º Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo começa coreograficamente bem elaborado, não há dúvidas de que para abrir os caminhos é necessário música, festa, desejo e participação coletiva. O cortejo sai pela lateral da igreja, na Rua José Bonifácio, criando um belíssimo contraste com as ações cotidianas que acontecem em volta. A região central de Tatuí é tomada pela alegria de jovens artistas, um desfile de realezas que modifica o trânsito, atira a curiosidade dos moradores empoleirados em suas varandas e arrasta quem pode para essa manifestação de cores e prazeres. Seguindo em direção à Praça da Santa, o bloco percussivo embala com muito groove a divertida caminhada. Maria Carolina rege brilhantemente mulheres que antes não tinham contato com a percussão e naquele momento nos presenteia com uma quebradeira rítmica hipnotizante.

Um convite é anunciado a plenos pulmões: “VEM PRO FETESP!”, deixando evidente que o festival é destinado a quem gosta de ser feliz. Não há espaço para tristeza, a energia contagia, quem está dentro não quer sair e quem está fora quer entrar. A noite vai caindo e o cortejo avança ainda mais pela Rua Juvenal de Campos, a festa não morre, danças descabidas e cantorias improvisadas compõem um repertório

diverso. Descendo a rua, chegando próximo ao Conservatório de Tatuí, a percussão engrossa o caldo da batucada e impulsiona o corpo-coro, que avança pátio adentro, deixando tudo o que antes estava no silêncio preenchido de cores e beleza. É como se todo o espaço fosse comprimindo e expandindo cada vez que alguém em perna de pau evolui na cena ou conforme os estudantes vão se mesclando com a presença de senhoras atentas ao festejo. A bateria ovacionada finaliza o trajeto com graça, porém a voz coletiva implora por “mais um!”. Tudo se repete e tal qual uma ouroboro, de um ciclo sem fim, uma grande fila caminha por todo pátio do conservatório, eliminando saturações da convivência em comunhão. O amor, mais uma vez, é compartilhado em música e dança.

Nesta festa não importa o que você é, em verdade o que nos ensina esta experiência é que não devemos ter medo de ser o que somos, nem ao menos negligenciar por um segundo sequer a nossa real essência, pois quando proclamamos nossa felicidade estamos dizendo para o mundo que queremos permanecer vivas, mesmo não sabendo o que nos reserva o futuro. O teatro está vivo! Está vivo não no futuro, não no passado, mas no presente. E refletindo o que somos na nossa genuinidade, a nós também deve ser reservado o direito de pensar e criar a partir de novas linguagens, de um novo tempo e de uma nova interação não-violenta com tudo que está no agora. Vida longa ao teatro de grupo estudantil, vida longa ao FETESP.





# JACINTA – HORROR E DIGNIDADE



**POR MARCUS GROZA**

*apreciação do espetáculo *Jacinta* – você só morre quando dizem seu nome pela última vez, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys – VQV e Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.*

Jacinta. Maria. De Santana. Pronunciar e repetir essas palavras ganha aura ao final do espetáculo. Os sons desse nome assumem uma vibração mágica, a partir da calunga-cena que põe a caminho a Cia do Pássaro - Voo e Teatro. Estar presente é estar a

caminho. O público do FETESP vinha da chegada do cortejo, a energia estava posta. Apesar do palco à italiana, parecia até que estávamos em roda, onde os que se põem a caminho se encontram: encruzilhada.

“Jacinta – Você só morre quando dizem seu nome pela última vez” aborda a história de uma mulher negra despersonalizada e violada depois de morta, durante trinta anos, como cadáver alvo de experiências e chacotas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da USP. Quando chegamos ao teatro, o cenário apresenta muitas rosas vermelhas no chão e nas paredes laterais, objetos de laboratório. A atriz já está em cena, conversa com o público. Nas paredes ao fundo, estão escritas em giz palavras em latim - são esquemas de uma aula -, abaixo, o desenho de uma composição química. No meio do desenho, à maneira de um elemento, ressaltou-se para mim: “NTU”, o que, na cosmologia bantu, designa a parte essencial de tudo que existe; é uma sutil resposta às falácias do racismo científico que depois será referido na peça.

“Jacinta” é um tecido de perguntas sobre a história desconhecida dessa personagem. No elenco, em brilhante desempenho, a atriz Gislaíne Nascimento ora representa a personagem, ora em recorte metalinguístico comenta sobre ela, acompanhada pelo ator Alessandro Marba, como Tata Caveira, um Exu que vai conduzir Jacinta até nós, renascida da travessia da calunga. Já de saída o público se encontra implicado, não apenas no sentido da calorosa interação que os atores estabelecem, não só porque depois comeremos do coração de Jacinta – na forma de pão oferecido ao público – e beberemos do seu sangue – na forma do “marafo” servido em tubos de ensaio –, mas porque logo se sente que não é possível

fugir à responsabilidade ao se tomar contato com o horror de determinados acontecimentos: assistirmos calados à violência que nos faz cúmplices.

No diálogo com o público, ao final, essa implicação ética em que a peça nos coloca foi destacada por uma jovem, que relatou ter se sentido “intimidada” e ao mesmo tempo “como se estivesse no palco”. Nessa direção, os jovens relataram ainda sensações como “angústia”, “agonia”, “raiva”, “horror”, além de um incômodo que um jovem enfatizou não saber definir. Outras duas comentaram que tiveram a sensação de dignidade/respeito provida pela peça. Talvez isso se evidencie principalmente na última cena do espetáculo, quando artistas, como mestre-sala e porta-bandeira, colocam o estandarte com o nome completo de Jacinta cobrindo a placa com o nome do médico, responsável pelo roubo e violação do seu corpo, o qual ainda hoje dá nome a uma rua na cidade de São Paulo.

Apesar do impacto que a peça causa ao apresentar essa bárbara história do pós-morte de Jacinta, este espetáculo da Cia do Pássaro - Voo e Teatro não exatamente encena a sua história, como encenaram a história de Baquaqua na obra anterior. Podemos dizer que o foco da encenação é uma reflexão sobre o exibir e o mostrar, mas o ponto de chegada é a manifestação do invisível, o que se dá pelo menos em três sentidos. Primeiro, porque não se sabe quase nada da história pregressa dessa mulher invisibilizada, daí a peça ser um tecido de questionamentos repetidos diante da falta: a pergunta sobre ela, mesmo sem respostas em detalhes sobre a sua vida, dignifica sua memória e indiretamente a memória de todas as pessoas invisibilizadas e aviltadas como ela. Segundo,

porque o invisível se precipita na impossibilidade de dar a ver certas imagens de histórias como essa de Jacinta, sem oferecer uma continuidade do processo de exibição aviltante; a atriz relata que não deram conta de mostrar certas cenas do que o corpo de Jacinta passou, quando desviam para um samba – ritmo que marca o tempo curvo da peça. Por fim, o invisível se sugere no arranjo ritual que é dado pela encenação mediante a ação de Tata Caveira, como um psicopompo a guiar Jacinta, não para ser novamente exibida em condição degradante, mas para ter seu nome exumado e exaltado, como mariposa andarilha que morreu nos arredores da Luz.

Na contramão do apagamento, estratégia secular no projeto colonial, a “Jacinta” da Cia do Pássaro - Voo e Teatro reafirma lindamente que segue sendo tarefa do teatro exumar o passado soterrado e exaltar figuras invisibilizadas, por meio do nome que se repete em reverência. Não que elas precisem: nós é que precisamos nos eximir – ao menos retrospectivamente – de sermos parte desse público que cotidianamente e em silêncio assiste aos genocídios ou finge não vê-los; sejam os que acontecem nas nossas periferias, sejam os que acontecem em territórios militarmente ocupados, como o da Palestina.





# A NATUREZA DE SE DEIXAR LEVAR

**POR ANA MACHADO**

**Bolsista de Apreciação Crítica para o Cortejo “Só Vem”**

**S**eria possível reunir uma quantidade considerável de pessoas sem nem ao menos enviar um convite formal? Aparentemente, o Cortejo “Só Vem” possui tanto a receita desse bolo quanto adiciona novos ingredientes, complementando a receita e deixando-a cada vez mais deliciosa.

Os integrantes do Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos” de Tatuí – escola pública estadual fundada em 1954, a qual fortalece o ensino e o circuito artístico do interior de São Paulo – juntas de outros grupos participantes do 30 FETESP, se reuniram às 16 horas, uma hora antes do programado, na Praça da Matriz localizada na área central de Tatuí. O convite parecia começar pelo próprio horário: com o comércio fechado e a praça um pouco esvaziada, o acúmulo de juventude, figurinos coloridos e maquiagens cuidadosamente elaboradas atraía olhares – alguns curiosos, outros desinteressados, já que manifestações artísticas na cidade não são incomuns.

As “bolhas” dos grupos eram perceptíveis, talvez pelo desconhecimento mútuo, mas que não impedia gestos de colaboração em pequenas tarefas: arrumar a maquiagem de alguém, ajustar e dar equilíbrio aos pernaltas, organizar um acessório. Por mais que não tivessem intimidade, dar um passo ao desconhecido não era um problema e sim uma criação de possibilidades. Quem observava, acompanhava o processo junto com eles. Isso me levou ao seguinte pensamento: *“antes de sermos artistas, somos apenas pessoas. Pessoas reunindo outras pessoas a conhecerem a arte e a nos conhecerem.”* A presença, por muitas vezes, é um tipo de chamado que grita mais alto do que qualquer palavra dita, o que para mim resume esse acontecimento.

Antes de iniciar, uma cena breve foi apresentada como abertura, realizada pelo Festival Cachorro Louco – um festival independente criado por estudantes de Artes Cênicas e que acontece em paralelo e complementar ao FETESP. A cena mostrava três pessoas que demonstravam certa angústia e desespero em

suas ações, mas que não foram muito compreensíveis para mim por conta de ruídos do espaço. Ainda assim, uma frase dita permaneceu comigo: *“É irrefutável que todos nós vamos morrer, mas pense na morte que carrega uma parte crucial da vida: o começo”*. Essa frase ganhará sentido nos parágrafos seguintes.

No Cortejo, era evidente que havia o trabalho com o risco. O risco de ninguém participar, de juntar todos os grupos presentes em busca de harmonia, de andar com atenção dobrada durante a passeata nas avenidas e, ao mesmo tempo, dançar e se entrosar. O que parecia ser um empecilho, intensificava a paixão e a emoção a cada música, passo e movimentação. A questão não era simplesmente “fazer um trabalho bem feito” como qualquer meta a se cumprir – embora isso estivesse presente – mas de simplesmente estar ali. De fazer acontecer. A condução foi tão natural que o público participava quase como por instinto; o ritmo tomava conta de seus corpos de uma forma que, quando se davam conta, estavam em outro lugar da cidade. O título “Só Vem” me leva à reflexão de não pensar muito, de se deixar levar pelo que pulsa e te apetece. Algo cada vez mais raro, especialmente ao falarmos de São Paulo.

Seguindo a linha da “naturalidade”, a última parada do Cortejo foi no próprio Conservatório de Tatuí, já no início da noite, onde estudantes da instituição, grupos convidados e o público que acompanhou a rota, furavam suas próprias bolhas e dançavam em conjunto. À primeira vista, isso poderia ser algo simples. Mas, considerando o início desse acontecimento, quando havia barreiras entre os grupos, vê-los ali tão descontraídos me fez entender que não importa o tamanho da experiência, contanto que ela aconteça.

Retomo, assim, a frase dita no Festival Cachorro Louco como um chamado ao primeiro passo. Ao invés de criar possíveis fins tendo em mente somente resultados, talvez o mais importante seja se permitir ao começo — e estar presente nele.





# [EXU]MAR – FOME DA PALAVRA ENCANTO

**POR LUCAZ EUSÉBIO**

**Bolsista de Apreciação Crítica para o  
espetáculo *Jacinta – você só morre quando  
dizem seu nome pela última vez***

**E**ntrei no teatro. Faltavam vinte minutos pra começar a peça. A plateia bem cheia. O palco todo paramentado. Fumaça. Muita fumaça. Rosas vermelhas para todo lado. Cuíca. Coroa de flores. Cruz.

## APRECIAÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

Uma canção recebe o público. Jovens estudantes próximos a mim estão efusivos, cantando. A fotógrafa encarregada de registrar o espetáculo se junta a eles. Agora estão com os braços pro ar. Clima de louvor. Um soul americano anuncia: hoje tem peça!

Ela já está entre nós. A atriz Gislaine Nascimento, que até o momento estava discreta no meio da plateia, aguardando o início da peça para sua aparição, veio também, contagiada pela alegria das pessoas, fazer coro e dançar um pouco.

Iniciam-se os avisos. Rituais do teatro, quem ainda não sentou corre para sentar, quem viu que sobrou cadeira na frente, muda de lugar... A ansiedade vai tomando os rostos: vai começar.

E começa, mas não ainda a história de nossa Jacinta, e sim a cerimônia de abertura do festival, ou seja, a oficialização, do começo.

Antonio Salvador sobe ao palco, titubeia entre ficar com os pés na escada ou no proscênio, como se ao se colocar diante do público, naquele espaço sagrado, preparado, à espera dos atores, pudesse quebrar o encanto do devir. Mas já era tarde. Com aquela fumaça ao fundo, a luz montada, ele foi chamando os nomes das pessoas que trabalham no Setor de Artes Cênicas do Conservatório e que estão diretamente ligadas à manutenção do FETESP... e de repente aquele momento já era uma cena à parte do acontecimento que tínhamos ido apreciar.

Muitas palmas, muitos gritos, muita festa! 30ª edição do FETESP! Oficialmente start! Vimos até o emocionamente

do Secretário Municipal de Cultura, Rogério Vianna, falar sobre a importância do festival e se recordar de quando era ele, em 1992, um estudante participando da 8ª edição. Pronto: dada a largada, Cia do Pássaro - Voo e Teatro com “Jacinta - Você só morre quando dizem seu nome pela última vez”, o espetáculo de abertura dessa edição. Alguém grita “merda”, apagam-se as luzes, dá-se o começo.

Mas quando realmente é o começo?

Se antes da peça houve uma cerimônia de abertura; e antes da cerimônia, um Cortejo pelas ruas do centro da cidade; e antes do Cortejo, uma breve cena de um festival independente, em parceria com o FETESP. Então, quando foi que o festival começou? Às 10h da manhã quando os grupos de estudantes chegaram? Ou no ônibus, no caminho até Tatuí? Ou quando cada pessoa arrumava suas malas?

Para parte dos bolsistas de produção começou dia 10/07; para a equipe do Conservatório, há alguns meses... Para a Cia do Pássaro - Voo e Teatro foi no ensaio? Quando receberam o convite? Para mim faz alguns dias, mas será também agora, neste instante em que venho materializar minha função-participação neste festival, em palavra. Não qualquer palavra: essa palavra, a palavra deitada, a escrita.

Trago o começo como ensejo de começar, não por besteira, mas porque os rastros nesse caso também importam. Cada pessoa presente naquele teatro, hoje, vinha de seu próprio começo. Os atuantes da cena ali aquecendo seus tambores internos, pés, corpo e aquietando a cabeça em preparação, para receber

o que talvez não esperavam: corpos e mentes em fogo, que vindos desse cortejo de danças, batuques e pernaltas, carregavam uma manada nervosa no peito. Chegaram da rua com uma fome imensa, morrendo de vontade de comer teatro, no melhor dos sentidos. E nessa fome tanta, o encontro não poderia ser de mais axé. Demos de cara com seu Tata Caveira e Pomba Gira misturada com atriz e misturada com Jacinta e foi muito alimento. Para os olhos, para a cabeça e para o coração, que até comungamos com cachaça e samba. A Cia do Pássaro - Voo e Teatro evoca Jacinta Maria de Santana, mulher negra brasileira que teve seu corpo violado na morte. Quantas vezes ela teve a oportunidade em vida de estar num teatro? Assistindo uma peça que constrói um caminho de des(velar) a memória e a história de pessoas negras? Talvez ela não tenha tido nenhuma, mas nós tivemos o privilégio de nos inscrevermos juntas naquele espaço.

A verdade é que Exu já estava costurando esses começos - e vá saber em que tempos outros que não o do relógio - desde a cena do “Óbvio Axiomático” na praça da Matriz, que reivindicou a palavra como reencantamento do ser; depois no Cortejo, convocando o corpo para o encantamento das ruas, até chegar no espetáculo Jacinta, que busca encantar nosso imaginário.

O teatro Procópio Ferreira foi a encruzilhada desses nossos começos e se como vimos hoje, nem a morte é o fim, vida longa ao FETESP, ao teatro e a Exu, Laroye!





# RESGATE, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO



**POR MARIA LUIZA QUEIROZ FERREIRA**  
estudante do 2º ano do curso de Teatro  
adulto do Conservatório de Tatuí e bolsista  
ofício da Revista BULI no ano de 2025

Jacinta – você só morre quando dizem seu nome pela última vez, da Cia do Pássaro - Voo e Teatro, aborda, dentre outros, esses três aspectos.

Era para ser um, mas foram três entrevistados: Marlon, Mayra e Maria Alice. Marlon tem 23 anos e mora em Porto Feliz. Gosta de teatro, mas é mais próximo

da música. Já Mayra tem 38 anos. Silenciosa, porém sorridente, contou pouco. Ela é de Cerquilha e faz aulas de teatro com Maria Alice, por isso estavam ali juntas. Maria Alice tem 66 anos, é amiga de Mayra, mora em Cerquilha, teve a oportunidade de estudar teatro em alguns momentos da vida com intermitências, agora retorna e é arquiteta por formação.

Três momentos diferentes de experiência.

Marlon, o mais jovem, me falou sobre legado, refletiu sobre o que ele deixaria após sua vida como músico. O que fica após nossa breve passagem? Como garantir um legado que condiz com aquilo que foi vivido? Foram alguns dos questionamentos que vieram durante essa conversa.

Mayra, por outro lado, em sua fala me lembrou de um dos primeiros questionamentos que o espetáculo traz: “Quem decide quem vai e quem fica?”. Ressoou o que é ser mulher. Quando conseguimos decidir nosso destino? Como nosso passado fica registrado nesse mundo, sendo que quem segura a caneta são eles? Desde os contos de fadas até nossa vida prática, no dia-a-dia, quem não conhece, assim como bela adormecida, mulheres que tiveram que se casar com seu abusador? E é assim, como Mayra pontua, fomos e somos vistas como procriadoras, há pouco tempo ganhamos alma, somos Geni. Requisitadas nos momentos oportunos e escoraçadas quando não servimos mais.

Maria Alice é formada em arquitetura pela PUC-Campinas em 1982. Em 1983 e 1984 fez uma especialização em Direito Urbanístico no cenário onde o espetáculo

se passa: a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. Como boa arquiteta, não deixou de pensar nas ruas da cidade que nunca dorme, como a Praça da Liberdade, que hoje abriga uma disputa de memória da sua resistência frente ao nosso passado escravocrata e os constantes apagamentos narrativos que sofre daqueles que nos governam. Como sobreviver a uma história que busca apagar, minimizar? Nesse contexto, Jacinta, a protagonista, surge. Jacinta, representa a memória dos esquecidos, representa os indivíduos que ergueram a cidade, mas não são seus os nomes escritos nos livros, por isso, também representa resgate. A história, em sua complexidade, está longe de ser finalizada.

Maria Alice se questionou, “Onde está Jacinta nas minhas memórias?” No meio das arcadas da faculdade, nas paredes e armários, onde estaria Jacinta? Quantas perguntas e quase nenhuma resposta. Acredito que as respostas surgem conforme os questionamentos se aprofundam, elas só aparecem quando as respostas dadas já não explicam quase nada.

No fim das entrevistas, fui caminhando para fora do teatro, busquei entender onde os três se encontravam dentro das reflexões, e acho que encontrei uma resposta que pôde me satisfazer por hora. Todos, em seu lugar de vida e experiência, buscam o futuro. Talvez, um legado que faça jus ao que foi realizado não só em vida, mas também, em morte. Portanto, que venham os estandartes e cubram os nomes daqueles que devem conhecer o que é o esquecimento e dêem voz aos esquecidos.



# CHARGES



GABRIEL



NACÁ



TADEU RENATO



KAIÃO



BORRACHA



# PARA NÃO ESQUECER SEU NOME



**POR LARA MIRARTE**

estudante do curso de teatro para  
adolescentes do Conservatório de Tatuí.

Jacinta. Já a cinta. Já sinta.

Já sinto, já senti, e ainda sentirei tua presença.

Seu nome ecoa na alma como reza antiga,

grita por lembrança,

## CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

sussurra nos cantos

e berra nos vazios.

Jacinta vive na fresta da memória.

Na dor de quem lembra.

No silêncio de quem percebeu.

Mas para ela ser lembrada,

um último suspiro depois que morreu.

Um salve a todos os mortos pelo esquecimento.

E a todas as Jacintas que seguem vivas,

mesmo na ausência dos olhos meus



# **BASTIDORES**

**POR CAMILA FONTENELE**



# EXPEDIENTE

## **Editores**

João Fabbro  
Tadeu Renato

## **Coordenador Editorial**

Antonio Salvador

## **Produção Editorial**

João Fabbro

## **Colaboradores**

Ana Machado  
Borracha  
Gabriel  
Kaião  
Lara Mirarte  
Lucaz Eusébio  
Marcus Groza  
Maria Luiza Queiroz Ferreira  
Nacá  
Tadeu Renato  
Ymoirá Micall

## **Revisão de Textos**

João Fabbro  
Roberto Anzai  
Tadeu Renato

## **Arte Design**

Lívia da Silva

## **Assistente Arte Design**

Renata Corrêa

## **Fotografia**

Camila Fontenele  
João Maria

## **Coordenador de Comunicação**

Maurício Coronado

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio

---

Instituto  CCR

Zanchetta

cipatex®

 Drogal

MARQUESPAN  
ALIMENTOS

 SICOOB

parceria

---



apoio

---



Secretaria de  
Esporte, Cultura,  
Turismo e Lazer

realização

---

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório  
de música e teatro

**CULTSP**

Secretaria da  
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO  
GOVERNO DO ESTADO  
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA  
CULTURA

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO